

ENCRUZILHANDO SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE TERREIROS E UNIVERSIDADES

MOURA, Beatriz Martins. *Pedagogia do Ebó: Horizontes possíveis para a universidade a partir de mulheres de axé*. Curitiba: Editora Apris, 2023.

IVIS FABIANO CHAGAS LIMA¹
ORCID: 0009-0009-4067-1689

O livro analisado nesta resenha tem origem na tese de doutorado em Antropologia Social de Beatriz Moura na Universidade de Brasília (UnB), que recebeu, em 2022, Menção Honrosa no Prêmio Lélia Gonzalez de melhor tese em Antropologia na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia. Com algumas modificações e aperfeiçoamentos da versão defendida, o texto da autora retoma o foco de demonstrar “o modo como a educação se constitui um projeto coletivo das comunidades tradicionais de terreiro” (Moura, 2023, p. 13), considerando o diálogo com o projeto Encontro de Saberes na institucionalização e difusão de saberes tradicionais associados à ancestralidade negra no contexto acadêmico.

Com efeito, esse livro efetiva seu propósito de quebrar os muros ideológicos e territoriais entre universidade e comunidades tradicionais, em especial as de terreiro. Nesse sentido, esse texto é um projeto político e epistêmico, mas também de divulgação, e se destina a todos os públicos engajados e interessados na construção de um campo de saberes multicêntrico que extrapole os muros acadêmico-científicos. A obra se divide em um conjunto de capítulos agrupados em três partes e conta com um estilo etnográfico que interconecta histórias de vida e de territórios, valendo-se de uma multiplicidade de abordagens metodológicas que se encontram em uma observação participante multissituada.

Posicionando o contexto da etnografia, o projeto Encontro de Saberes é uma iniciativa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), sob a coordenação do professor titular do Departamento de Antropologia da UnB e orientador de Beatriz Moura, José Jorge de Carvalho. No projeto, os chamados mestres e mestras de povos e comunidades locais e tradicionais são convidados a ministrar módulos e disciplinas em seus campos de saber, sem mediação de terceiros, com vistas a promover um diálogo interepistêmico (Carvalho; Vianna, 2020). O projeto foi criado em 2010 com a finalidade de promover epistemes historicamente renegadas no âmbito acadêmico, estando presente em diversas universidades dentro e fora do Brasil.

Nesse âmbito, um dos primeiros elementos destacados pela antropóloga é a relação de simetria entre ela e suas interlocutoras que, assim como a autora, são mulheres negras de axé, cujas trajetórias se articulam em diferentes escalas, do seu círculo de parentesco aos terreiros e à Universidade de Brasília. Com efeito, Mãe Dora de Oyá, Iyá do Terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá, e Makota Kidoiale, do Terreiro/Quilombo Manzo Ngunzo Kayango, são as duas principais interlocutoras da pesquisa. São também lideranças religiosas, mestras dos conhecimentos tradicionais e docentes no âmbito do projeto Encontro de Saberes.

De início, são destacados alguns elementos do contexto do Candomblé e da língua iorubá, onde a autora realizou sua pesquisa. A palavra “axé” deriva do termo *àṣẹ*, e costuma-se chamar de “pessoas de axé” aquelas que vivenciam religiões de matriz africana. Já o termo *Iyá*, que significa “mãe”, designa a principal liderança feminina do terreiro, também chamada de *Iyalorixá* ou Mãe de Santo. Situando espacialmente o trabalho de campo da autora, o Terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá localiza-se no Jardim ABC, município de Cidade Ocidental

¹ Mestrando em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi bolsista no Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais da UFC e atualmente pesquisa no âmbito da antropologia das instituições econômicas e de governança. E-mail: ivislima@gmail.com | ivis.lima@aluno.unb.br

(GO), na divisa com o Distrito Federal. Já o Terreiro/Quilombo Manzo Ngunzo Kayango situa-se em Belo Horizonte (MG).

Assim, o livro é escrito cruzando trabalho de campo nos terreiros supracitados e histórias de vida, traçando a trajetória dessas mulheres de axé do terreiro à universidade, pela via do Encontro de Saberes, com destaque para as noções êmicas de encruzilhada e território, que emergiram no itinerário etnográfico da antropóloga. Por outro lado, o livro revela a transposição dos saberes forjados pelas interlocutoras para a experiência da autora, convocando os leitores a um movimento de vislumbrar a pluralidade de estratégias pedagógicas possíveis na sala de aula, resultantes da presença dessas pessoas e do que a autora chama de conhecimentos insubmissos, em referência à escritora e intelectual Conceição Evaristo.

No primeiro capítulo, Moura narra sua chegada ao primeiro campo de pesquisa: o terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá. Como destaca a autora, Mãe Dora de Oyá havia participado do módulo “Vestimentas e Terreiro”, vinculado à disciplina “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais” da Universidade de Brasília (UnB). O capítulo inicia encruzilhando a migração de Mãe Dora, do oeste baiano, com a formação de Brasília, evidenciando as segregações raciais e territoriais em dinâmicas de marginalização que empurram os terreiros para as bordas do espaço urbano e do conhecimento institucionalizado na academia.

A partir dessa aproximação, o capítulo é costurado ao argumento central da tese por meio da trajetória de vida de Mãe Dora, iniciando com seu desenvolvimento espiritual junto à entidade Maria Padilha, uma relação fundamental para a construção de sua autoconfiança e empoderamento como Iyalorixá. A narrativa também percorre experiências do terreiro em projetos no Jardim ABC, que reforçam o lugar dos saberes ancestrais e da oralidade como vias não cartesianas de acesso ao conhecimento. Essas práticas atravessam diferentes campos, como a música, a contação de histórias, os sistemas agroflorestais e o manejo da costura, esta tanto como atividade ritual quanto como estratégia de autonomia financeira para mulheres.

O segundo capítulo enfoca a trajetória de Makota Kidoiale, líder e fundadora do Quilombo/Terreiro Manzo Ngunzo Kayango. Ao descrever sua inserção no campo, começa elaborando sobre como os quilombos e terreiros são marcos de resistência coletiva, assim como pontos de difusão de práticas e saberes. Por um lado, as histórias de resistência a investidas racistas e intolerantes religiosas do estado mineiro contra o terreiro-quilombo são contrapostas pelo que Kidoiale chama de oralidade política, uma estratégia de vocalização dos problemas e estabelecimento de alianças externas para escuta e suporte ao Manzo.

Nesse processo, são tecidas práticas culturais-pedagógicas de aprendizado e territorialização organizadas em sambas de roda e capoeira, assim como no projeto “Afrobetização”, todos com larga influência dos ensinamentos do Pai Benedito, o “Preto Velho” da mãe de Makota Kidoiale. Entre os ensinamentos, esteve o de derrubar muros, ao tecer conexões e fluxos entre o terreiro e a universidade. É nesse âmbito que Makota Kidoiale é levada à Universidade Federal de Minas Gerais como docente no projeto Encontro de Saberes.

No capítulo seguinte, a antropóloga elabora sobre a noção de encruzilhada como lugar de encontros, de potência, de trocas e de escolhas. Aqui, Esù — Orixá relacionado à comunicação e ao movimento, senhor dos mercados e das encruzilhadas — é constantemente referido no entrecruzamento entre a antropóloga e suas interlocutoras. Com base no que foi descrito nos capítulos anteriores, é demonstrado como o projeto educacional dos terreiros antecede a entrada das mestras nas universidades, mas se amplia nelas. Assim, a sala de aula aparece como lugar de encruziar conhecimentos forjados no cotidiano do terreiro e no terreno universitário, e de derrubar muros entre saberes ancestrais e acadêmicos.

Esses três capítulos compõem a parte I do livro, intitulada “Tecendo histórias de mulheres negras de axé: entre os terreiros e as universidades”, na qual o principal argumento desenvolvido é o de que os espaços de ensinamento e aprendizado dos terreiros são cotidianamente elaborados no interior das comunidades e em processos de luta. São saberes que unem oralidade, parentalidade, ancestralidade e resistência, operacionalizando-se em procedimentos que deslocam a racionalidade cientificista europeia para os saberes tradicionais posicionados e engajados em raízes ancestrais. Ao fim, a antropóloga relata o efeito transformador que vivencia ao acompanhar as aulas das mestras e seus deslocamentos educativos, que transformam a sala de aula em território, lugar de existência e reconhecimento.

A parte II do livro intitula-se “Conhecimentos insubmissos” e é composta de capítulos mais curtos. O quarto capítulo, que inicia essa parte, elabora sobre como a educação é um modo de conexão entre pessoas e um meio de transformação. A autora recupera falas de sua mãe e as conecta com as histórias de Mãe Dora e Makota Kidoiale para destacar a associação entre educação e insubmissão dessas mulheres perante um

conjunto de fatores que cotidianamente as oprime. O capítulo seguinte é fomentado pelas formulações da pensadora Jurema Werneck e firma a ideia de que os passos trilhados por mulheres negras afro-diaspóricas transportaram práticas, tecnologias e saberes que antecedem até mesmo a criação das universidades no Brasil.

Também no âmbito político, mulheres negras, em especial as de terreiro, protagonizaram articulações antes de um movimento institucionalizado de mulheres negras. Para a autora, os passos que vêm de longe articulam saber e política na medida em que, historicamente, os terreiros elaboram conhecimentos e tomam a educação como um projeto, tanto de ação externa quanto de reprodução comunitária, religiosa e territorial. Muitas vezes, tais engajamentos político-epistêmicos têm nas mulheres de axé seu principal sustentáculo.

O sexto capítulo trata sobre o ebó, descrito como uma tecnologia ritual de equilíbrio de energias, acionada pelas lideranças religiosas do terreiro de forma individualizada para as necessidades de cada pessoa, e destina-se ao cuidado do outro. Com base nos relatos das interlocutoras, é mostrado como o ebó desempenha um papel de acolhimento e ajuda a construir, nos terreiros, uma territorialidade pautada no cuidado. Assim também é na sala de aula, entendida pelas interlocutoras como um território. Enquanto mestras de saberes tradicionais, Mãe Dora e Makota Kidoiale demonstram, pragmaticamente, nas universidades, as dimensões afetivas do conhecer e do ensinar, oferecendo alternativas para o modelo de conhecimento cartesiano que retira as dimensões de pessoalidade do conhecimento.

O capítulo seguinte correlaciona o corpo insubmisso de mulheres negras ao caráter insubmisso de sua produção epistemológica. A autora mostra como a proposta do livro inverte a lógica de certa antropologia que historicamente apropria os saberes de mulheres negras e de comunidades de terreiro, bem como nega suas subjetividades e produções intelectuais próprias e não mediadas por terceiros. Em seguida, o oitavo capítulo abre a última parte do livro, chamada “começo-meio-começo”, que enfoca o movimento de circularidade e do retorno, contando com dois posfácios — um de Mãe Dora de Oyá e outro de Makota Kidoiale —, dando destaque a essas outras mãos que também compuseram o corpo da pesquisa.

Nesse capítulo, Beatriz Moura reafirma a posição fundamental que a educação possui para as comunidades de terreiro, tanto em seu território tradicional quanto como forma de territorialização da ancestralidade nas salas de aula. O movimento das mulheres de axé do terreiro para as universidades convida a reconfigurações e a movimentações em diversos campos da vida em geral e da academia em específico. Em seguida, Mãe Dora destaca, em seu posfácio, a importância do saber de preto na construção do conhecimento e na transformação social. Por fim, Makota Kidoiale ressalta que a entrada do terreiro na universidade é um acerto de contas que devolve valores e reconhecimento a um povo que teve tais elementos negados. Para ambas as mestras, essa derrubada de muros é um caminho sem volta na construção de pontes entre os distintos conhecimentos.

Ao fim dessa costura etnográfica, a antropóloga levantou os processos de forja de saberes que nascem no cotidiano das comunidades e dos terreiros e seu caráter inerentemente político-pedagógico. Ao encruzilhar terreiros e universidades, as interlocutoras são mostradas como agentes de transformação social e epistêmica. Ao longo dos capítulos, um conjunto de saberes calcados no cuidado, no afeto, na resistência e na ancestralidade é transportado entre os territórios, invertendo uma lógica histórica de racismo e intolerância religiosa. Suas histórias de vida, dessa forma, não se restringem a seus corpos, mas produzem novos horizontes e futuros para a educação como um todo, sendo símbolos de uma luta histórica.

As interlocutoras, nesse sentido, foram também alicerces teóricos dessa escrita, povoada de mulheres negras intelectuais como Patrícia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Carla Ramos, Conceição Evaristo e Jurema Werneck. Assim, a simetria epistemológica também se deu na feitura da pesquisa e na tecitura de relações sujeito-sujeito, uma insubmissão metodológica que marca todo o trabalho. Como a própria autora destaca, o projeto desse livro não se encerra nele, mas sugere um movimento circular de forja de novos rumos. Desse modo, esse movimento convida a iniciar muitos outros.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Leticia Costa Rodrigues. O Encontro de Saberes nas universidades: uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, n. 9, p. 23–49, 2020.

MOURA, Beatriz Martins. *Pedagogia do ebó: horizontes possíveis para a universidade a partir de mulheres de axé*. Curitiba: Appris Editora, 2023.

